



RETRATO PROGRAMÁTICO PARA URBES PÓS-PANDÉMICAS
FEITO POR MIGUEL MARK HITLODEU, DESCENDENTE
DE RAFAEL HITLODEU E HABITANTE DA NOVA UTOPIA,
VERTIDO PARA TEXTO POR PESSOA FIDEDIGNA
A PARTIR DE CONVERSA
POR MEIOS
TELEMÁ-
TICOS

Miguel Mark Hitlodeu, personagem de ficção, visitou o Professor José Vieira de Pina Martins em 1998 para lhe dar notícia do desenvolvimento, em finais do século XX, da ilha da Utopia que Thomas More descrevera em 1516. Desse encontro resultou Utopia III,ⁱ que Miguel Mark Hitlodeu assinou conjuntamente com Pina Martins. O descendente direto de Rafael Hitlodeu voltou a terras lusas em 2014, numa missão confiada pelo governo administrativo da Nova Utopia, para acompanhar os preparativos das comemorações dos 500 anos da publicação da obra-prima de More. Tendo então tido o privilégio da sua visita, verti o relato do nosso encontro num texto publicado na Colóquio/Letras.ⁱⁱ Confesso que não esperava vê-lo tão cedo!

A manhã estava quente e por isso abri as duas janelas do meu gabinete antes de ligar o computador de mesa. Consultei a agenda: “9:09. Reunião Zoom com Embaixada”. Senti-me tentada a ligar à Claudina para perguntar de que Embaixada se trataria, mas lembrei-me de que me tinha dito que iria tomar a segunda dose da *Pfizer*. Consultei o relógio do telemóvel. Estava quase na hora. Cliquei no *link* e fiquei na sala de espera.

Às 9:09 exatas surgiu no ecrã a imagem de um homem com longas barbas e cabelo comprido, a fugir para o grisalho. Sorrii para mim:

– Que prazer tenho em revê-la, Professora!

Pareceu-me reconhecer a voz, mas não a figura.

– Então a Professora já não me reconhece? Miguel Mark Hitlodeu, ao seu serviço.

Continuei sem reagir.

– A Professora está *congelada*? Acho que é assim que vocês agora dizem quando a imagem fica parada. Mas olhe que, se assim for, a culpa não é do meu lado: aqui na Nova Utopia dispomos da mais alta tecnologia Super-Wifi 10.5, uma evolução da vossa primitiva rede, que se deve à invenção de redes IOT de altíssima densidade. Esta tecnologia facilita muito o trabalho dos 33 Embaixadores itinerantes que têm como missão informar o governo administrativo da Nova Utopia sobre o que se passa no mundo não-utópico.

– Miguel Mark Hitlodeu? Confesso que tive muita dificuldade em reconhecê-lo. Está tão...

– Sim, quase irreconhecível – atalhou. – É certamente do comprimento da minha barba e do meu cabelo que deixei crescer em solidariedade com o povo luso, que se encontra há já 489 dias em confinamento devido a essa hedionda pandemia da doença COVID-19.

Naquele momento, tive a certeza de que era ele. Só Miguel Mark Hitlodeu seria capaz destes gestos trágicos, no seu singular sentido de camaradagem.

– Mas como é possível que só agora me contacte? E a prometida viagem à Nova Utopia em 2016? Mandou-me preparar uma lista de 33 visitantes e ficaram todos a pensar que eu era doida... O meu amigo Miguel Mark Hitlodeu ganhou, entre nós, o cognome de “Godot”...

– Estive em processo de descontaminação durante três anos, Professora. Depois do meu regresso à Nova Utopia o governo administrativo considerou que a contaminação psicológica, ideológica e desejológica era de alto risco.

ⁱ Miguel Mark Hitlodeu & José Pina Martins (1998), *Utopia III*, Lisboa, Verbo.

ⁱⁱ Fátima Vieira (2014), “Uma estátua para Rafael Hitlodeu: Reflexões sobre utopismo e distopismo na literatura portuguesa do século XX e sobre os caminhos recentes da Nova Utopia baseadas no testemunho indesmentível de Miguel Mark Hitlodeu descendente de Rafael Hitlodeu. Relatado fielmente por pessoa fidedigna”, *Colóquio/Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 186, pp. 9-41.

– Como assim? – perguntei sem perceber.

– Regressei a desejar coisas que nunca antes tinha desejado, coisas do vosso mundo caótico, perifrástico...

– Perifrástico? – atalhei. O que tem a perifraseda a ver com o assunto?

– Na Nova Utopia regemo-nos pelo princípio da simplicidade e do despojamento. É na clareza das ideias que repousa a nossa sociedade. O seu mundo, Professora, rege-se pelo princípio da verbosidade. Regressei ao meu mundo sofrendo de verborragia. A loquacidade que está na base do raciocínio perifrástico é considerada uma perigosa doença na Nova Utopia.

– Concorde que ideias simples sejam necessárias, mas não dão conta das várias camadas que formam a realidade. Precisamos de as entender na sua sobreposição, justaposição, e mesmo contradição. Então não se lembra do que disse Edgar Morin? Apenas pelo pensamento complexo conseguiremos aceder a uma leitura mais completa do mundo.

– Complexo não significa complicado, cara Professora. – Miguel Mark Hitlodeu endireitou-se na cadeira, como se eu o estivesse a atacar. – É aliás curioso que me venha falar do Professor Edgar Morin, que tem na Nova Utopia uma estátua em lugar de destaque.

– Lá me vem o Miguel Mark Hitlodeu com a história das estátuas! O que interessa é que o pensamento do Professor Morin informe a sociedade utopiana.

– Pois é mesmo assim que se passa, e por isso mais vale que lhe diga diretamente ao que venho. – Miguel Mark Hitlodeu apontou o dedo para mim, tão esticado que até parecia capaz de furar o ecrã do meu computador. – Ouvi dizer que está a escrever um texto para a revista *Terramaia*.

– Ouviu dizer... mas como é possível? O assunto foi discutido apenas entre o editor da revista e eu. – Desta vez, o meu tom era mesmo acusatório. – Não me diga que a tecnologia avançada de que dispõe, aí na Nova Utopia, é utilizada para espionar a minha correspondência!

– Calma, Professora, olhe que me ofende com essa suspeição. É que eu sou amigo também do Arquiteto Portucale, um grande utópico, por sinal. Ou julga a Professora que é o meu único contacto aí nas terras lusas?

Balbucie um "Ah, desculpe", mas o meu interlocutor falou por cima:

– Pelo que sei, o Arquiteto Portucale solicitou à Professora uma reflexão imaginativa sobre a evolução da sociedade maiata no tempo pós-pandémico, com especial atenção às dinâmicas do urbanismo. Ora eu queria partilhar consigo o que fazemos aqui, na Nova Utopia, antes de a Professora escrever o texto.

Debrucei-me para a frente na cadeira, mostrando-me interessada.

– Embora não tendo sido afetados pela pandemia que assola o mundo não-utopiano, temos vindo a seguir de perto todos os desenvolvimentos, desejando que a situação se resolva logo. Mas aproveitámos também para discutir de que forma poderíamos, com a experiência da vida em comunidade na Nova Utopia, contribuir para o momento reconstrutivo que sempre sucede ao caos.

Miguel Mark Hitlodeu viu que eu tinha pegado no meu caderninho de pensamentos utópicos e numa caneta e começou a falar mais devagar, como se estivesse a fazer-me um ditado.

– Aquilo que pudemos observar no seu mundo, Professora, foi como as diferenças entre as classes sociais se acentuaram à medida que a doença COVID-19 foi penetrando nas cidades. Quando chegou o momento do confinamento, nem todos puderam ficar em casa, pois era preciso abastecer as cidades, fazê-las funcionar, e muitos dos que ficaram em casa não tinham as condições necessárias para o teletrabalho ou para a telescola. Claro que essa situação nunca se poria na Nova Utopia, onde todas as casas são espaçosas, dispondo das melhores condições para o seu usufruto. Mas esta é uma primeira medida que terão de tomar, nas vossas cidades, para que estejam preparados para enfrentar futuros desafios.

Como eu anuíacom a cabeça à medida que escrevia, Miguel Mark Hitlodeu continuou:

– E olhe que não se trata apenas de construir casas espaçosas, têm de ser bonitas também.

– Sim, eu sei, ainda no outro dia li um livro de John Clammer, onde ele propunha o conceito de "justiça visual".ⁱⁱⁱ Toda a gente tem o direito de ver coisas bonitas e de viver em casas bonitas. A justiça social não existe sem a justiça visual.

– Ora aí está, bem sábio esse Clammer.

E desta vez foi Miguel Mark Hitlodeu quem anotou o que eu dissera num papel. Senti-me encorajada, e por isso acrescentei:

– E também andei a ler o livro de Jan Gehl, *Cidades para pessoas*,^{iv} onde ele explica como, nos últimos 50 anos, andámos enganados, em matéria de políticas urbanas, a construir cidades para automóveis em vez de cidades para pessoas.

– Ora, mas estou a ver que a Professora anda a percorrer a história da estatuária neo-utopiana! Para além da estátua de Jane Jacobs, que em 1961 publicou o incontornável livro *Morte e Vida nas Grandes Cidades*, também lá temos um busto do Professor Gehl: foi colocado no Jardim dos Desenhadores de Cidades há três anos, quando ele festejou o seu 81.º aniversário. O pensamento deste urbanista dinamarquês tem vindo, aliás, a ser crucial para o desenvolvimento recente da Nova Utopia.

– Quer então dizer que as cidades da Nova Utopia são cidades com alma, como lhes chama o Professor Gehl?

– Precisamente. Cidades feitas para as pessoas e viradas para a mobilidade urbana: transportes intermodais, vias cicláveis e áreas protegidas para peões. A Professora não imagina como é a minha vida na Nova Utopia. À exceção dos últimos 489 dias, em que tenho estado confinado em casa, num ato da mais fraterna solidariedade com os meus amigos lusos...

– Então é mesmo verdade? Tem estado em casa, assim, sem sair? – atalhei, incrédula. – Pensei que estava a falar metaforicamente.

– Pois, aí está, eu não falo por metáforas – o processo de descontaminação linguística a que fui submetido incluiu perifrasedas, metáforas, polissíndetos, pleonasmos, hipálages e hipérboles.

Abanei a cabeça, mas Miguel Mark Hitlodeu não fez caso.

– À exceção dos últimos 489 dias, a minha rotina matinal faz-me sentir feliz: saio de casa a pé às 8:04 e cumprimento a vizinha da casa em frente, que a essa hora está invariavelmente na cozinha que dá para a rua, de janela aberta, a dar o pequeno-almoço à pequenada; cruza-me com o dono da mercearia da rua, que está a chegar de bicicleta; passo pelo quiosque para comprar o jornal que de seguida deixo na soleira da porta do vizinho idoso; sorrio quando passa por mim um bando de jovens, de mochila às costas, a correr para as aulas; atravesso o jardim e sento-me na esplanada à sombra de uma árvore centenária; aparecem os meus clientes do costume, uma boa dúzia de pombos neo-utopianos, e ao meu lado senta-se sempre uma jovem de jeans a ler um livro de poemas; às 8:16 senta-se em frente um rapaz com olhar lânguido, de poeta. E fico a pensar em todas as pessoas felizes que já se encontraram, conheceram e sentaram ali, abrigadas do sol da manhã.

– Até faz lembrar o "ballet das ruas" descrito por Jane Jacobs...

– É que é mesmo uma dança, Professora! Começo o dia a vibrar com a cidade! Volto depois para casa para pegar na bicicleta. Às 8:43 percorro 3,6 km da via ciclável de 93 km que circunda a cidade para me deslocar até ao COMNU – Centro de Observação do Mundo Não-Utópico.

– Estou a ver que o Miguel Mark Hitlodeu não mudou – ironizei. – Fazendo a conta dos "noves fora", todos os números que indica são zero ou múltiplos de três.

ⁱⁱⁱ Clammer, John (2014), *Art, Culture and International Development: Humanizing social transformation - Rethinking Development*. Abingdon: Routledge.

^{iv} Jan Gehl (2010), *Cities for People*. Washington D.C.: Island Press.

– Não sou só eu, Professora. Pensava que já tivesse compreendido que o nosso pensamento só pode ser entendido à luz do esoterismo triádico.^v

– Sim, já sei... adiante! – incentivei.

– Todos, na Nova Utopia, vivemos, trabalhamos, fazemos compras, recorremos a serviços públicos e a equipamentos de lazer num dos policentros da cidade. Se eu quisesse ir a pé para o trabalho, não demoraria mais de cinco minutos, mas apanho sempre a ciclovia para fazer o meu exercício diário.

– É a cidade de quinze minutos! Sim, já ouvi falar no conceito, que está a ser experimentado também no nosso mundo.

– Fico muito contente por isso. A cidade do futuro só pode ser como a descreveu o Prof. Gehr: uma cidade humanizada, desenhada por arquitetos e urbanistas que se interessem pelas pessoas. E as ruas, as ruas!... – Miguel Mark Hitlodeu levou as mãos à cabeça e depois abriu muito os braços, num gesto teatral. – Não queremos avenidas larguíssimas, a separar os prédios, mas ruas mais estreitas, que obriguem as pessoas a ver-se e a cumprimentar-se – e aproximou as mãos, muito esticadas, deixando uma distância de 6,9 centímetros entre elas. – E temos de ser matreiros – Miguel Mark Hitlodeu piscou-me o olho – e, por vezes, nos parques, temos de criar circuitos de passagem para combater a propensão individualista e obrigar as pessoas ao convívio! E, claro, temos de pensar nos transportes...

– Sim, porque andar de bicicleta é muito bonito, mas se chover tanto na Nova Utopia como chove aqui no Norte, é impraticável em certos meses do ano.

– Ora aí está: aposta na mobilidade urbana coletiva! Tome nota, Professora, tome nota!

– Eu tomo, Miguel Mark Hitlodeu, mas olhe que o que me está a dizer não é novidade nenhuma! O meu Amigo já leu algum número da revista *Terramaia*? O Arquiteto Portucale, as autoridades autárquicas e os colaboradores convidados dizem tudo isso que está para aí a dizer e mais ainda: que a Maia tem como objetivo ser uma comunidade neutra em carbono, que está empenhada em responder ao desafio da mobilidade elétrica, que está a rever os seus instrumentos de planeamento, e que pretende que o processo de transformação da vivência urbana seja participado por todos os maiatos, pondo-se o foco na discussão dos temas da mobilidade, do ambiente, das centralidades e da socioeconomia.

– Sim, e mais ainda: seguindo o princípio da complexidade de Edgar Morin, está a ser formada uma equipa multidisciplinar para pensar o futuro. A Professora leu o texto de apresentação do primeiro número da revista?

– Está a falar dos *sete andamentos* enunciados pelo Arquiteto Portucale? Um programa notável para que a Maia se desvie do urbanismo clássico que tantas dores de cabeça nos trouxe. Gostei, em particular, do segundo andamento, que convida ao pensamento holístico, e também do sexto, que nos faz ver que, para que a construção da cidade não seja deixada apenas aos técnicos, todos terão de participar.

– Ainda bem que gosta das minhas ideias, Professora.

– Mas as ideias são suas ou do Arquiteto Portucale?

– Todos os indivíduos utópicos, quando se veem ao espelho, Professora, conversam comigo. Gosto, em particular, das conversas que tenho tido com o notável autarca António Sarça Tiago. Leu o que ele escreveu sobre a necessidade de se colocar o foco na dignidade da pessoa humana? Inspirei-lhe essa frase enquanto ele fazia a barba.

– Mas eu não o vejo quando me olho ao espelho!

– O seu caso, Professora, é de um grau utópico mais profundo: não se esqueça de que anda nisto das utopias há mais de três décadas! Mas ora diga-me lá: quem lhe faço lembrar?

– Assim, com esse cabelo e barbas para o comprido e bem revoltos, confesso que me faz lembrar o William Morris – soltei um gritinho de espanto.

– Ora aí está, Professora, o grande utópico inglês que a Professora estudou durante tantos anos!

– Mas se anda a ter conversas utópicas com o Presidente da Câmara da Maia, com o Editor da *Terramaia*, e com mais umas quantas pessoas importantes...

Miguel Mark Hitlodeu dizia que sim com a cabeça e com as mãos fazia um gesto circular, como quem diz que eram essas e muito mais pessoas. Continuei:

– Se já anda a inspirar essas ideias utópicas a tanta gente, por que razão precisa de mim?

– Porque quero que ponha isto por escrito, Professora. Que sistematize as ideias. E que lhes dê o toque do costume. Para além disso, li os seus pensamentos hoje de manhã. Sei que anda a pensar em paradigmas regenerativos...

– Ah, sim, essa visão parece-me essencial. O Miguel Mark Hitlodeu sabe que sou otimista por natureza...

– Como são todos os utópicos! – atalhou.

– E ando completamente rendida à abordagem regenerativa. Reconheço que estamos na era do Antropoceno, que as atividades humanas têm vindo a ter um impacto global muito negativo no clima do nosso planeta e no funcionamento dos seus ecossistemas. Por outro lado, acredito que se os seres humanos são capazes de destruir serão também capazes de construir. Sinto, dentro de mim, que é apenas uma questão de os seres humanos perceberem que poderão ser participantes influentes da saúde e do destino dos ecossistemas da Terra.

– Gosto dessa sua ideia, Professora. Os seres humanos têm um papel muito positivo a desempenhar na Terra. O que é preciso fazer é promover a consciência de que a saúde do ecossistema depende da saúde humana, e de que a saúde humana depende da saúde do ecossistema.

– A presente pandemia provou-o bem.

– Mas podemos também transpor esse raciocínio para a cidade. Os ambientes construídos podem funcionar como catalisadores dos lugares em que se encontram implantados. Se todos os cidadãos tiverem uma casa bonita, arejada, com boas condições, e se as cidades forem caminháveis, os cidadãos viverão em verdadeira comunidade, cruzando-se na rua, conhecendo-se, convivendo e entretendo-se, e perceberão que a sua felicidade e bem-estar dependem da felicidade e bem-estar da comunidade, e vice-versa. Estão mais do que descritos, os efeitos sociais da arquitetura no espaço público.

– Sim, acredito que as cidades têm capacidade para transformar as pessoas. Os edifícios e a cidade têm um impacto visual, mas também interferem na forma como nós vivemos, como circulamos pela cidade, impactam nas nossas experiências urbanas e sociais. Temos de apostar numa arquitetura compacta e amigável do caminhante e do ciclista. E temos de recuperar também a vida económica dos bairros, voltar a trazer o comércio e os serviços para os centros – ou policentros, como lhes chama o Miguel Mark Hitlodeu. Temos de alimentar as ruas de diversidade, como queria Jacobs: usos, escalas, edifícios, classes e pessoas. E todos temos de ser os “olhos da rua”, zeladores caminhantes. Precisamos de ruas com milhares de pessoas a zelarem por elas.

– Então é isso mesmo que tem de escrever, Professora.

Tomei nota no meu livrinho de pensamentos utópicos: “Sorria, está na Maia”.

Porto, Julho de 2021

Fátima Vieira

Vice-Reitora da Universidade do Porto, Teórica dos Estudos sobre a Utopia

^v Sobre o esoterismo triádico de Miguel Mark Hitlodeu, cf. Daniel Serrão, «Utopia III — Outra Vez Portugal», *Brotéria*, n.º 149, 1999, p 186-8.